

**Que aluno foi/é?
Enquanto estudante,
provavelmente,
terá formulado
um ideal de professor.
Sente que cumpre
as premissas do modelo
que idealizava?**

Os anos em que estudei na Faculdade de Belas-Artes foram anos de procura – a procura de um caminho, a procura de esclarecimentos sobre mim próprio.

Muitas vezes, o espaço da Faculdade foi o campo de batalha primordial. Não é fácil buscar-se uma identidade individual e esbararmos com uma noção de Escola que tenta a todo o custo equilibrar e conciliar aspetos de ensino opostos: a uniformização do conhecimento vs. a individualização criativa de cada um de nós, alunos. Esse é, aliás, o principal desafio que se apresenta ao ensino criativo ou artístico. A resolução desse conflito está nas mãos de quem ensina mas, também, dos alunos — no sentido em que qualquer programa contempla conteúdos que, no espaço curto das aulas, deve ser conciliado com a realidade do dia-a-dia e com a capacidade de adaptação que é exigida a alunos e professores. Nada disto se pode apenas garantir no papel, na elaboração de planos de estudo e de estratégias programáticas.

Enquanto aluno, fiz da escola um prolongamento do meu crescimento. Nunca estive alheado da importância das notas que me eram atribuídas nas diversas cadeiras que frequentei e sempre almejei ter um bom aproveitamento escolar. Mas ao longo do meu percurso foram várias as ocasiões em que me lancei no escuro, segui caminhos menos claros, acima de tudo porque me era fundamental essa descoberta. Foram várias as ocasiões onde esta ambição se refletiu negativamente, na história que estará escrita nos arquivos da FBAUL. Uma história relatada em números, que pouco ou nada dizem de quem fui naquele tempo, e da importância que teve para mim alguns percursos que escolhi.

Os primeiros anos do curso foram por vezes angustiantes. Constantemente me confrontei com a noção de que provavelmente estaria equivocado, a exigir demasiada compreensão dos meus professores, a querer que vissem o Mundo pelos meus olhos, que me apoiassem

nas minhas descobertas e, quem sabe, até me amparassem nas ocasionais quedas. (Teria sido sem dúvida mais fácil não levar aquilo tudo tão a sério, mas sempre fui uma pessoa séria e não conseguiria ver isso na altura.)

Só encontrei o «meu» caminho no último ano da Licenciatura, fruto dos professores que tive nesse ano, e do meu próprio amadurecimento. Esse ano definiu aquilo que seria o meu futuro enquanto profissional. Descobri no uso da imagem em movimento e do som, um território expressivo onde o meu potencial se expandia organicamente, sem hesitações e de uma forma plena como nunca o havia conseguido através dos meios e suportes gráficos que até então tinha explorado. Tive da parte dos professores que me acompanharam, nesse derradeiro ano, a generosidade e a compreensão suficientes para que prosseguisse esse caminho sem receios – apenas com uma dose dobrada de responsabilidade. Mas esta era uma responsabilidade partilhada: também os professores assumiram esse risco de aceitar a transgressão como o caminho possível para que superasse as minhas capacidades. Nesse último ano concretizei o que seria uma definição ideal do espaço de uma Faculdade de Belas-Artes: um espaço de ensaio, aberto à queda e ao erro, onde numa fase importantíssima das nossas vidas podemos experimentar e arriscar um caminho próprio.

Hoje, como professor nesta Faculdade, revejo diariamente os momentos que aqui passei e procuro fundamentalmente, estando do lado oposto da mesa, corresponder ao que em tempos esperei de quem me acompanhou enquanto aluno. É necessária, na minha opinião, uma dose incrível de generosidade para se conseguir gerir o percurso de dezenas de pessoas, mantendo visível uma estrada bem definida para os que não pretendem ousar outras escolhas e, ao mesmo tempo, acompanhar os desvios que são propostos por quem necessita de navegar à margem. E, por último, aceitar que isso implica um compromisso mútuo, não apenas do aluno.

É estimulante entrar na escola e poder esperar (senão mesmo desejar) cruzar-me com alguém que tenha outros talentos e capacidades que não as minhas. É a antecipação desse momento um dos principais motivos que me faz entrar numa sala de aula.

Filipe Cunha Monteiro
Docente de Audiovisual e Multimédia I